

É A QUADRA ABERTA DE PORTZAMPARC UMA ALTERNATIVA AO JUNKSPACE DE KOOLHAAS?

ZANATTA, Marco Antonio¹

RESUMO

Este artigo busca analisar a obra de Rem Koolhaas, mais especificamente o artigo: *Junkspace* em diálogo com conceitos da Quadra Aberta do arquiteto Christian de Portzamparc, para identificar futuros do espaço urbano mundial. Em 2001 *Junkspace* colocou em debate o futuro do espaço construído das nossas metrópoles e o rumo da arquitetura de massa. Não escolhendo vencedores Koolhaas apenas descreve o que ele, a partir dos seus estudos sobre a origem das metrópoles, vê como características marcantes dos usuários e seus anseios. Com o plano urbano para a cidade de Almere de autoria de Koolhaas, sua visão de cidade e conceitos urbanos desenvolvidos por Christian de Portzamparc puderam dialogar em variadas escalas.

PALAVRAS-CHAVE: *Junkspace*. Quadra Aberta. Metrópole.

IS CHRISTIAN DE PORTZAMPARC'S OPEN BLOCK AN ALTERNATIVE FOR KOOLHAAS' JUNKSPACE?

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the work of Rem Koolhaas more specifically the article: *Junkspace* in conversation with the concepts of the Open block by Christian de Portzamparc to identify the future of worlds' urban environment. In 2001 *Junkspace* put in debate the future of the built environment of our metropolis and the future of the mass architecture. Without picking winners Koolhaas only describes, after his studies from the origin of metropolis, sees as the main characteristics of the users and its needs. With Almere's city masterplan by Koolhaas, his vision of the city and Christian de Portzamparc's urban concepts can dialog in multiple scales.

KEYWORDS: *Junkspace*. Open Block. Metropolis.

1 TEXTOS DE KOOLHAAS: *THE GENERIC CITY* E *JUNKSPACE*

Metrópole é definida como a capital ou cidade principal de uma região ou país.² A situação atual do espaço construído nas cidades e mais especificamente nas metrópoles, sempre tem sido assunto de grande interesse dos arquitetos. Entender seus detalhes e rumos é crucial para desenvolver não somente um discurso crítico, mas também uma arquitetura crítica. O texto de Rem Koolhaas³, *Junkspace*⁴, trouxe um fenômeno muito importante na metrópole atual: o efeito colateral do urbanismo moderno. Como descrito:

O produto construído da modernização não é a arquitetura moderna, mas *Junkspace*. *Junkspace* é o que fica após o processo da urbanização ter tomado seu curso ou, mais precisamente, o que coagula enquanto a modernização está em progresso, sua sobra. "Texto traduzido" (KOOLHAAS, 2001, pg 36, tradução nossa).

Mas o *Junkspace* é ruim? E se for, o que a arquitetura pode fazer sobre isso? É importante ler *Junkspace* com um olhar complementar a outro artigo de Koolhaas, *The Generic City*⁵ (1994). Em "A Cidade Genérica" fica claro que a análise da metrópole contemporânea ocorre na escala urbana com impactos macrorregionais, enquanto *Junkspace* se articula na maior parte do tempo na escala local e até mesmo em escala do espaço interior.

Se *The Generic City* insiste na importância da infraestrutura como um facilitador para o crescimento e como uma maneira de criação para múltiplos centros urbanos, *Junkspace* pode ser descrito como subproduto da modernidade.

¹ Arquiteto; pesquisador de Iniciação Científica Voluntária no Grupo de Pesquisa Teoria da Arquitetura; aluno bolsista da CAPES no Programa Ciência sem Fronteiras 2012/2013 na Temple University, Philadelphia, USA. E-mail: marcozanatta@gmail.com.

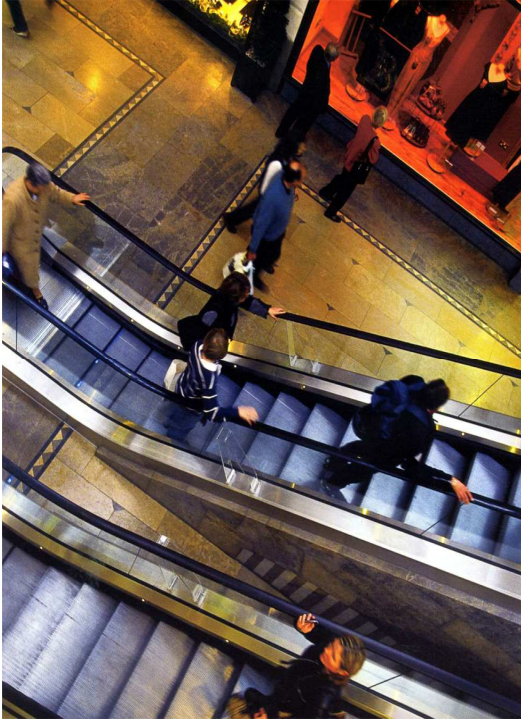
² Como definido pelo Dicionário Oxford (SIMPSON, 2010).

³ Remmenet Lucas "Rem" Koolhaas é um arquiteto holandês. É professor em Prática da Arquitetura e Design Urbano no curso de pós-graduação em design da Universidade de Harvard. Koolhaas é graduado pela AA (*Architectural Association School of Architecture*) em Londres e pela Universidade de Cornell em Nova Iorque. Koolhaas é sócio fundador do OMA e sua contraparte AMO com sede em Roterdã, Holanda. Ganhou em 2000 o Prêmio Pritzker o mais aclamado prêmio da arquitetura e em 2008 foi eleito pela revista Time um das 100 pessoas mais influentes do mundo. Nota do Autor.

⁴ *Junkspace* é um artigo publicado em 2001 no livro "*Small, médium, large, extra-large*" sendo uma espécie de expansão e revisão de conceitos anteriormente introduzidos em "A cidade genérica", de 1994. Na obra são expandidas algumas características do pós-urbanismo, em teoria de que o progresso, identidade, arquitetura, e o planejamento urbano, assim como os conhecemos, irão deixar de existir. Como característica profissional no campo de teoria da arquitetura, Koolhaas trabalha como espectador, não se posicionando contra ou a favor do objeto criticado.

⁵ *The Generic City*, "A cidade genérica" em tradução livre do autor, é um artigo publicado inicialmente em 1994 e, posteriormente em 2001 no livro *Small, médium, large, extra-large* (2001). É o início do desenvolvimento por parte de Koolhaas do conceito. Na obra é recorrente o uso do aeroporto como exemplo de imunidade à arquitetura local e ambiente esterilizado culturalmente.

Figura 1. Shopping Center.



Fonte: (KOOLHAAS, 2001).

Mas como o espaço público da Cidade Genérica é apresentado?

A Cidade Genérica trata dos “males” que foram atribuídos à cidade tradicional antes que o nosso amor por isso se tornasse incondicional. A serenidade da Cidade Genérica é alcançada pela evacuação do espaço público, como em um treinamento de incêndio. O plano urbano agora só acomoda o movimento necessário, fundamentalmente protagonizado pelo carro; autoestradas são uma forma superior de boulevards e plazas, tomando mais e mais espaço; o seu design, aparentemente buscando eficiência automotiva, de fato é surpreendentemente sensual, um pretexto utilitarista entrando no domínio do espaço suave. “Texto traduzido” (KOOLHAAS 1998, pg 1251, tradução nossa).

Em *Junkspace* Koolhaas repensa o termo e entende que a cidade contemporânea resgata da tradicional alguns aspectos da urbanidade: a vida pública é reduzida ao espaço público, na noção de que imita certo tipo de urbanismo, ainda que rejeitando sua natureza caótica para uma comunidade mais previsível.

Figura 2: Loja da Prada



Fonte: (KOOLHAAS, 2001).

Como descrito, a experiência urbana se mantém conectada por espaços comerciais:

No ponto que estamos chegando, nós também encontraremos um momento interessante onde séries separadas de lojas de departamentos, shoppings centers, etc. estão conglomerando em uma difusa, contínua, híbrida experiência, onde comprar é associado com entretenimento, aeroportos, museus e assim por diante, absorvendo quase todas as atividades em um único todo. [...] Quanto mais indeterminada a cidade, mais específico é o seu *Junkspace*; todos os protótipos de *Junkspace* são urbanos – o Fórum Romano, a Metrópolis; é apenas a sua sinergia reversa que as fazem suburbanas, simultaneamente engolidas e compactadas. *Junkspace* reduz o que é urbano para a urbanidade. [...] Ao invés de vida pública, espaço público: o que sobra da cidade antes imprevisível foi removido. “Texto traduzido” (KOOLHAAS, 2001, pg 36, tradução nossa).

Então, suavizando a vida pública, *Junkspace* entende que o espaço público não está sendo rejeitado, mas sendo então reutilizado de uma maneira controlada e estéril, como representado nas figuras 2 e 3.

Figura 3: Future Vision.



Fonte: (KOOLHAAS, 2001).

A ideia de um espaço homogeneizado, contínuo é posteriormente desenvolvida no mesmo artigo:

A cidade não mais tem um plano urbano; ela tem um “mapa do aglomerado do estilo de vida”, onde cada atividade é continuamente integrada com cada outra atividade. [...] Comprar está se tornando o ato de fundação da urbanização, ao ponto em que novos estabelecimentos não são mais servidos pelo espaço comercial, mas na verdade dependem das compras e são definidos pelas compras. “Texto traduzido” (KOOLHAAS, 2001, pg 37, tradução nossa).

Comprar. Como apontado por Koolhaas, comprar é realmente importante para a qualidade e saúde do espaço público e privado. Enquanto pode ser um dos problemas criando distorções e segregações, pode também ser a melhor alternativa para sustentar o espaço público (CHA, 2001).

Mas como as ideias de Koolhaas se relacionam com o design urbano? Para entender é importante analisar o plano urbano de Koolhaas para a cidade de Almere.

Almere é uma das principais cidades da província holandesa de Flevoland, a qual já foi coberta pelo Mar do Sul e posteriormente drenada para evitar futuros enchentes. Está situada próxima de Randstad⁶. Em 1994 o OMA⁷ venceu o concurso para projetar a área central da cidade, de modo a ser a mesma redimensionada para acomodar sua população em constante crescimento. Alguns edifícios foram projetados por arquitetos de renome.

Almere queria se diferenciar das outras cidades holandesas, não de maneira moderna, mas anônima. Era fundamental dar estímulo para seus habitantes, vez que queria ser o reflexo do que seus habitantes fazem. Com o objetivo de ser o triunfo da cidade provinciana, é alérgica à metrópole e ao subúrbio: objetiva a interação social e vazios formais como forma e programa dos usos mistos (ALKEMADE, 1999).

Koolhaas sempre se interessou por como a cultura de massa é elemento indutor do espaço urbano, organizados a partir de sua própria lógica, bem como da busca do lucro, conclusões vindas de seu primeiro livro: *Delirious New York: a retroactive manifesto for Manhattan*⁸. Este estudo de caso foi fundamental para estabelecer a base de alguns conceitos de urbanidade no trabalho de Koolhaas:

Manhattan representa a apoteose de um ideal de densidade por ter tanto população quanto infraestrutura; sua arquitetura promove um estado de congestão em todos os níveis possíveis, e explora essa congestão para inspirar e

⁶ O anel formado pelas maiores cidades da Holanda: Amsterdã, Roterdã, Haia e Utrecht, cidades que tem aumentado rapidamente sua densidade na medida em que mais imigrantes vêm para a Holanda. Nota do autor.

⁷ OMA, Office for Metropolitan Architecture, escritório de arquitetura com sede em Roterdã do arquiteto holandês Rem Koolhaas. Nota do Autor.

⁸ Nova Iorque Delirante, em tradução livre do autor.

apoiar formas de interações sociais particulares que, juntas, formam uma única “cultura de congestão”. “Texto traduzido” (MONEO, 2004, pg 312, tradução nossa).

Tais condições são encontradas nos parques de diversão de Coney Island⁹ ou nas ruas, avenidas, lojas de departamento, cinemas, metrô, etc. O potencial para as possibilidades da arquitetura tanto em arranha-céus ou outras maravilhas urbanas não é aproveitado arquitetonicamente para a promoção de interações sociais. Este pensamento de que onde há arquitetura não há nada, é o encontrado em sua produção arquitetônica e teórica (JENCKS, 2006).

2 O CONCEITO DE CHRISTIAN DE PORTZAMPARC

Desde 1996, com o projeto Paris Masséna, Christian de Portzamparc¹⁰ desenvolve a idéia de um arquipélago de edifícios com mais liberdade do que a rígida grade de regulamentações urbanas. O conceito de Portzamparc gira em torno da idéia de que devemos projetar no conceito que ele descreve como das cidades da terceira era.

No conceito, cidades “da primeira era” foram “aquelas de fundação, aglomeração e consolidação. Espalhando-se em dimensão e densas na forma, elas foram cidade de sedimentação”. “Texto traduzido” (PORTZAMPARC, 1996, pg 41, tradução nossa). Na análise, conclui-se que os espaços urbanos eram definidos pelos vazios criados pelos sólidos.

Nas cidades “da segunda era” os sólidos se tornaram a cidade numa inversão de valores. Valores que foram diluídos e deturpados, não atingindo seus objetivos.

Mas o que é relevante para a reflexão sobre o *Junkspace* é o que Portzamparc define como as cidades “da terceira era”. É a era da “contingência, do lugar, de respostas flexíveis ao local, da consideração das especificidades do espaço”. “Texto traduzido” (PORTZAMPARC, 1996, pg 41, tradução nossa).

São as aspirações contínuas da sociedade moderna, mas com as qualidades urbanas deixadas para trás pelo urbanismo moderno. Crítico forte da quadra haussmanniana¹¹, que cria espaços claustrofóbicos, Christian de Portzamparc propõe uma alternativa: a quadra aberta¹².

Figura 4: Citadel Almere



Fonte: (PORTZAMPARC, ([s.d])

⁹ Coney Island é um bairro residencial composto de península e praia, localizado no Oceano Atlântico a sudoeste do Brooklyn, em Nova Iorque. Conhecida pelos parques de diversões foi o cenário de vários experimentos arquitetônicos sendo descritos no livro “Nova Iorque Delirante” de Rem Koolhaas. Descrito no capítulo de mesmo nome, acontecimentos como a alta densidade nos finais de semana nas praias de Coney Island, as torres iluminadas dos parques de diversões e a demonstração do primeiro elevador no começo do século XX segundo Koolhaas formam a fundação da metrópole contemporânea. Nota do autor.

¹⁰ Christian de Portzamparc é um arquiteto e urbanista francês. Graduado pela *École Nationale des Beaux Arts* de Paris em 1970. Com projetos em mais de 10 países Portzamparc tem como característica a sensibilidade pelo entorno e interesse pelo urbanismo. Recebeu o Prêmio Pritzker em 1994.

¹¹ A cidade de Paris nos anos de 1853 a 1870 passou por profundas transformações. O Barão Haussmann então encarregado do planejamento da cidade durante dezessete anos remodelou a capital francesa. Foram executadas obras de infraestrutura, abertura de avenidas e a construção de parques e edifícios públicos. Foram seguidos três princípios básicos: circulação, salubridade e revalorização dos monumentos através de eixos e perspectivas. As quadras e tipologias habitacionais eram resultado dos traçados viários e dos regulamentos que definiam o gabarito dos edifícios. A unidade da morfologia urbana de Paris é uma das principais marcas da cidade. Nota do autor.

¹² O conceito da quadra aberta surgiu como resultado do trabalho de Christian de Portzamparc em situações urbanas onde “encontrar a melhor solução para habitação era problemática em terrenos irregulares e edificações adjacentes.” Protagonizando a rua como espaço de convívio urbano, pode a mesma ser considerada uma resposta aos problemas de várias cidades europeias e uma crítica ao modelo determinista do urbanismo moderno. Nota do autor.

Construída em 2006, o projeto de Christian de Portzamparc de uso misto, Citadel Almere, é a união dos conceitos dos arquitetos Koolhaas e Portzamparc: densidade e quadra aberta. A densidade é atingida pela agregação de funções: estacionamentos, serviços e habitação. Trata-se de uma das mais bem sucedidas maneiras de unir infraestrutura, serviços e habitação no mesmo teto, como analisado pela crítica.

Figura 5: Citadel Almere



Fonte: (PORTZAMPARC, ([s.d])

Construído em três níveis, o complexo é elevado, permitindo a passagem e estacionamento de veículos no primeiro piso. No segundo piso o bloco é fragmentado por duas passarelas, onde serviços e restaurantes são acessados por meios de escadas rolantes, acessáveis desde o subsolo. No último nível, quarenta e seis habitações, um hotel e um terraço verde dão uma característica humana ao espaço urbano.

3 A RELACAO ENTRE KOOLHAAS E PORTZAMPARC

Em Citadel Almere a mesma forma da quadra é repetida em diferentes blocos não ortogonais, mantendo a forma interessante. Existe também uma subtração de elementos e uma repetição aleatória da volumetria das casas. A divisão do complexo em três níveis relembra a clássica proporção de base, fuste e capitel.

A inserção da Citadel no projeto de Rem Koolhaas tenta reconstruir relações entre usuários e o ambiente urbano. Base do conceito da quadra aberta, a permeabilidade da quadra e a segregação do carro criam no percurso do edifício urbanismos em pequena escala.

Figura 6: Citadel Almere



Fonte: (PORTZAMPARC, ([s.d])

Figura 7: Citadel Almere



Fonte: (PORTZAMPARC, [s.d])

4 CONCLUSÕES

É possível que, trazendo de volta a rua e costurando o espaço público, Portzamparc tenha trazido uma experiência mais interconectada e mista, similar aos espaços públicos artificiais dos *shoppings centers*. É importante ressaltar que os três elementos presentes na Citadel e outros projetos urbanos, são elementos que existem em cidades por séculos, mas construídos de maneira inconsciente: permeabilidade, profundidade e uso misto.

O primeiro elemento chave da ideia da quadra aberta é a permeabilidade: tem como característica a continuidade e a qualidade espacial que resulta num ambiente urbano mais diversificado, por permitir mais pessoas a circular livremente dentro da quadra e criar urbanismos em pequena escala: constata-se ser uma experiência interessante e possível.

O segundo elemento é a profundidade. É a correlação entre perspectiva da rua e a fachadas alinhadas à rua, porém com vazios e edifícios heterogêneos dando a sensação de profundidade: “Elas criam paisagem feitas de vistas próximas e distantes. Nossa arquitetura não pode mais consistir da retórica de fachadas esculpidas.” (PORTZAMPARC, 1996, pg 163).

O terceiro elemento é a articulação. Para rearticular e devolver na cidade dinamismo, Portzamparc olha por “relações entre a cidade e a arquitetura que se adaptaram ao nosso tempo, baseadas em conceitos de intermediários, espaço e heterogeneidade.” (PORTZAMPARC, 1996, pg 163).

A articulação dos agentes é limitada pela continuidade da malha urbana moderna. É crucial permitir mais flexibilidade na localização dos edifícios, mas, ao mesmo tempo, respeitando a escala do ambiente urbano.

Desta maneira a quadra aberta deixa arquiteturas individuais coexistirem, permitindo que a luz entre nas ruas.

Modernidade, ou segunda era como descrito por Portzamparc não substituiu a primeira era. “Ao invés, foi transformada, da mesma forma como a segunda era vai ser transformada. Nós não podemos tratar a segunda era como um mero parênteses na esperança de contrariar suas ideias urbanas (...) segunda era carregou algumas das aspirações do nosso século e suas técnicas – as lições da modernidade.” “Texto traduzido” (PORTZAMPARC, 1996, pg 42, tradução nossa).

As ideias urbanas da modernidade podem gerar espaço que tanto pode ser considerado como ruim, ou como algo a ser usado como aprendizado para o que pode ser evitado no futuro. Pode ainda ser apenas uma questão de entender como as cidades modernas desenvolveram e o que foi deixado para trás.

Figura 8: Conceitos da quadra aberta.



Fonte: (PORTZAMPARC, ([s.d])

Os desenvolvimentos urbanos que remetem às proposições da quadra aberta mostram que é válido e recomendado refletir e agregar conceitos já explorados ao longo da história das cidades. Podem também ser uma contraposição aos espaços anestesiados e climatizados do pós-urbanismo, que podem se mostrar pouco interessantes se comparados com alternativas à altura.

REFERÊNCIAS

ALKEMADE, F. COLENBRANDER, B. PROVOOST, Michelle. **Dutchtown: a city centre design by OMA/Rem Koolhaas**. Roterdã 1999.

CHA, T.; CHUNG, INABA, J.; JUDY, C.; KOOLHAAS, R. Et al. **Harvard Design School guide to shopping**. Colônia: Taschen 2001.

JENCKS, C. **Theories and manifestoes of contemporary architecture**. 2. ed. Chichester, England: Wiley-Academy, 2006. Print.

KOOLHAAS, R. **Delirious New York: a retroactive manifesto for Manhattan**. New York: Monacelli Press 1994.

_____. **Junkspace**. In: Domus n°883. Milano, 2001

KOOLHAAS, R.; MAU, B.; SIGLER, J. WERLEMANN, H. OMA. **Small, medium, large, extra-large: Office for metropolitan architecture**. New York, NY: Monacelli Press 1998

MONEO, J. R. **Theoretical anxiety and design strategies in the work of eight contemporary architects**. Cambridge: MIT Press 2004.

PORTZAMPARC, C. **Christian de Portzamparc The Open Block**. Basel 1996.

_____. **The “Open Block”**. A + U: Architecture and Urbanism (8): 88-93 [s.l] [s.d]. Disponível em:
<<http://search.proquest.com/docview/55393556?accountid=14270>>.

SIMPSON, J.; WEINER, S. **The Oxford Dictionary of English**. Oxford University Press 2010.